

A ESCOLA FEMINISTA NA SUPERAÇÃO DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO EM ORGANIZAÇÕES MISTAS NO AGRESTE DE PERNAMBUCO¹

MORAIS, Carlos Magno de Medeiros²; PÉREZ NEIRA, David³, SOLER-MONTIEL, Marta⁴

² Mestre em Agroecología. Universidad Internacional de Andalucía, Espanha; carlosmagnomoraes@gmail.com

³ Doutor em Agroecología, Sociología y Desarrollo Rural Sostenible, Departamento de Economía y Estadística, Universidad de León, Espanha; dpern@unileon.es

⁴ Doutora em Economía. Departamento de Economía Aplicada II, Universidad de Sevilla, Espanha, msoler@us.es

RESUMO

Esta investigação objetiva compreender mudanças na vida de mulheres agricultoras nos campos da equidade de gênero, produção e consumo de alimento, bem como o seu acesso ao mercado, apontando estratégias de trabalho com mulheres rurais para organizações mistas. A amostra é composta por 12 agricultoras que integraram a Escola Feminista no âmbito da chamada de ATER em agroecologia entre 2014 e 2017, numa parceria do Centro Sabiá e do MMTR-NE no Agreste de Pernambuco. A metodologia foi desenvolvida a partir de técnicas qualitativas. Os resultados indicam a eficácia da estratégia para a superação e tomada de consciência sobre a desigualdade de gênero, revelando desafios estruturantes na produção e no acesso ao mercado pelas mulheres, ao mesmo tempo que aponta a necessidade das organizações mistas refletirem sobre sua ação específica com mulheres rurais e fazerem as adequações político e sócio metodológicas necessárias.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo, Agroecologia, Extensão Rural, Mulheres Rurais

INTRODUÇÃO

A sistematização e organização dos conhecimentos gerados no trabalho cotidiano é uma tarefa bastante difícil, o ritmo diário às vezes não permite fazê-lo. Este trabalho busca romper esta dinâmica do *tarefismo*, sistematizando, de forma mais contundente, o conhecimento e os resultados a cerca de uma experiência no âmbito da execução de uma política pública de Assistência Técnica e Extensão Rural – ATER.

Este trabalho foi focado nos resultados gerados pelas mulheres agricultoras e na replicação da *Escola Feminista*, uma metodologia desenvolvida pelo Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR/NE em parceria com outras organizações feministas e que, entre 2014 e 2017, foi experimentada pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá².

O Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá é uma organização não governamental sem fins lucrativos, fundada em 9 de julho de 1993, na cidade do Recife, Estado de Pernambuco. Tem como missão “Plantar mais vida para um mundo melhor, desenvolvendo a agricultura familiar agroecológica e a cidadania”. A existência do Sabiá integra um processo histórico de mudanças políticas e de paradigmas, não está somente ancorada nos temas locais, pois constitui uma linha histórica na construção da agroecologia no Brasil. A princípio, inserido dentro de um contexto de retomada da democracia na América Latina, vale salientar que Brasil estava recém saído do processo de redemocratização em 1989. Suas duas primeiras

¹ Texto parte de dissertação do máster en Agroecología: un enfoque para la sustentabilidad rural – UNIA/Espanha, intitulada Mulheres Rurais, ATER e Agroecologia: A Experiência da Escola feminista no Agreste de Pernambuco.

² Doravante será chamado de Centro Sabiá ou simplesmente Sabiá. Para mais informações ver www.centrosabia.org.br



eleições diretas ocorreram em 1989 e 1992. Neste período o Sabiá ainda não se chamava assim, pois a equipe técnica trabalhava dentro de uma outra organização, o centro Josué de Castro, executando outro grande projeto à nível nacional, chamado Projeto Tecnologias Alternativas – PTA, que fazia parte de uma rede em todo o Brasil, conhecida como rede PTA, o que deu origem mais tarde, ao movimento agroecológico no Brasil.

A Escola Feminista, como método, havia sido testada pelo Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR-NE, faz parte da estratégia da formação de mulheres pelas organizações feministas, e no MMTR/NE, como explica Vieira (2017), tem resultados muito importantes na produção dos conhecimentos para forjar a ideia do feminismo rural. No entanto, esta foi a primeira vez de sua implementação em parceria com uma organização mista, o Centro Sabiá, ou seja, que há ausência na centralidade de seu trabalho a equidade de gênero e o feminismo, mesmo que seja parte de seus valores, isto é, há algo novo que esta investigação pode nos revelar sobre esta construção.

A escola feminista de formação política e econômica, nasceu em 2004 no âmbito da Rede Mulher e Democracia em Pernambuco, cuja iniciativa surge com a Casa da Mulher do Nordeste (ONG), Centro das Mulheres do Cabo (ONG) e a Fundação Joaquim Nabuco (órgão público), pouco tempo depois, soma-se ao Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste – MMTR/NE, que passou a atuar de forma intensa. A iniciativa tinha como objetivo que as mulheres pudessem exercer todos os seus direitos livremente a partir de suas diversas identidades e isto seria possível a partir do processo de formação (Monteiro & Santana, 2017; Vieira, 2017).

Há ainda, de forma geral, a ausência no enfoque de gênero feminista nas metodologias para o desenvolvimento da ATER, tendo em vista que as organizações mistas não desenvolveram estas expertises e sim as organizações de mulheres, desta forma, se faz necessário esta aliança para buscar as ferramentas, metodologias e instrumentos capazes de nos ajudar a desenvolver uma ATER com mulheres na qual elas tomem consciência de sua condição enquanto sujeito, para a conversão agroecológica de seus sistemas de produção e consumo, mas também para entendermos os limites destes sistemas, a fim de compreender melhor o acesso ao mercado pelas mulheres. Faz-se também urgente a necessidade de uma autocrítica por meio das organizações mistas, refletindo sobre seus métodos e sua prática na assessoria a mulheres rurais. Por tudo isso, os objetivos deste trabalho foram:

1. Conhecer as mudanças provocadas pela Escola Feminista na vida das mulheres assessoradas pelo Centro Sabiá em relação às questões de gênero;
2. Perceber a ocorrência de mudanças na produção e no consumo de alimentos pelas mulheres estudadas, assim como os principais desafios para a produção de alimentos no semiárido;
3. Identificar os principais canais de comercialização, os desafios na geração de renda e as estratégias de gestão econômica desenvolvidas pelas mulheres;
4. Observar as principais recomendações feitas pelas mulheres ao Centro Sabiá no assessoramento específico a mulheres agricultoras;



Este trabalho toma como enfoque a agroecologia e o feminismo como forma de abordagem, compreendendo a agroecologia nas suas múltiplas dimensões (Sevilla Guzmán, 2006) e o feminismo como uma teoria crítica e um movimento social (Siliprandi, 2015). Acreditamos que estes dois enfoques trabalhados juntos possuem a capacidade de revelar leituras sobre a realidades bastante pertinentes. A incorporação do enfoque feminista na agroecologia, tanto na análise como na ação prática, é um processo em construção (Siliprandi y Zuluaga, 2014 & Zuluaga et al. 2018), do que este trabalho tenta formar parte. A agroecologia em sua definição atual teórica e prática trabalha desde a consciência para a superação do antropocentrismo e do etnocentrismo, com uma proposta ecológica e decolonial, no entanto, ainda com dificuldades para incorporar o feminismo e superar o viés androcêntrico e a dominação das mulheres (Pérez Neira y Soler, 2013).

Figura 1 Mapa de atuação da Chamada de ATER com recortes para municípios onde houve participação de agricultoras na escola feminista e amostra de entrevistadas.

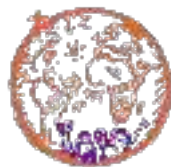


METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, mais precisamente no Agreste Central e Setentrional, região semiárida do estado, marcada fortemente pela presença da agricultura familiar camponesa, com áreas muito pequenas de produção, na quais, a agricultura é marcada pela presença da multifuncionalidade, característica muito comum da produção camponesa (Toledo, 1993).

A trajetória pelo qual se busca o conhecimento científico deve ser direcionado por procedimentos técnicos e metodológicos bem definidos visando fornecer subsídios necessários à busca de um resultado provável ou improvável para a hipótese pesquisada, além de auxiliar na detecção de erros e na tomada de decisão do investigador (Silva Garcia, 2015). Este trabalho segue o método de investigação social, a partir da tentativa de compreensão da realidade, utilizando lentes interpretativas que buscam entender a rede de significados da própria realidade vivida que tem como precursor o sociólogo alemão Max Weber, que em contraposição as lentes positivistas que enrijecem o tecido social, criando leis e modelos de análises menos complexos e mais dedutivos (Navarro Yáñez & Ramírez Pérez, 2001).

Navarro Yáñez e Ramírez Pérez (2001) nos alertam que apesar da ciência clássica definir o método científico isento de valores e condicionantes morais, e que os procedimentos podem ser utilizados por outros para constatar que chegariam às mesmas conclusões, há muitas discordâncias, pois, a própria investigação



científica é feita por pessoas, que sentem e se emocionam, estão carregados de valores e histórias e muitas vezes estão financiadas por interesses privados. Aprofundando este tema, Minayo (2002, p. 14) lembra que Lévi-Strauss: “ numa ciência que o observador é da mesma natureza que o objeto, o observador, ele mesmo, é uma parte de sua observação” e complementa, esclarecendo que a ciência veicula interesses e visões de mundo historicamente construídas, embora suas contribuições e efeitos teóricos e técnicos ultrapassem as intenções de seu desenvolvimento.

Este trabalho foi desenvolvido em três fases diferentes, sendo a primeira fase uma aproximação ao objeto a ser estudado e também ao tema, onde foi definido a amostra e as metodologias a serem utilizadas de forma mais precisa, assim como a definição do roteiro de entrevista e preparação do trabalho de campo.

A segunda fase apresenta o trabalho de campo propriamente dito, no qual foram recolhidos os dados a partir de duas estratégias diferentes e por último, a terceira fase, contendo a apresentação da análise dos dados e construção dos principais resultados da investigação. Esta, por sua vez, busca fazer uma análise para entender se houve mudanças num determinado grupo estudado composto por 12 agricultoras que participaram da Escola Feminista no âmbito da chamada de ATER agroecologia executado pelo Centro Sabiá entre 2014 e 2017.

Para a amostra, foram levantados os registros da participação de todas as mulheres nas atividades da Escola Feminista, ou seja este foi o primeiro critério, no entanto, estabelecemos um segundo critério: consideramos para a amostra somente aquelas que tiveram 50% ou mais de participação nos módulos de formação da escola; um terceiro critério foi garantir que o máximo de municípios estivessem representados, mesmo se neste município apenas uma pessoa efetivasse sua participação, esta já seria escolhida automaticamente; por último, propomos uma divisão equitativa por faixa etária, para garantir uma heterogeneidade nos discursos pela percepção das realidades e experiências distintas. Os critérios têm uma ordem de prioridade a ser aplicados do primeiro ao quarto. A divisão das faixas estruturou-se da seguinte forma:

Tabela 1 - Grupos e Faixa etária das mulheres selecionadas

Grupo	Faixas	Idades	Número total de mulheres	Amostra
G1	Jovens	Até 35 anos	4	3
G2	Adultas I	36 a 50 anos	3	3
G3	Adultas II	51 a 65 anos	13	4
G4	Idosas	Maiores de 65 anos	2	2
		Total	22	12

É muito importante ressaltar que este trabalho é incompleto, imperfeito e limitado, visto que nenhuma teoria, método de análise ou discurso é suficiente para compreender em sua totalidade uma realidade tão



diversa e rica, com todo seu dinamismo individual e coletivo e com toda a riqueza de significados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As entrevistas com as mulheres participantes da Escola Feminista destacaram a importância da mesma para suas vidas, principalmente no empoderamento político, na divisão sexual do trabalho. Destacou-se também, lamentavelmente, a presença da violência no âmbito familiar, manifestando-se de distintas formas. Ao mesmo tempo que revelou ainda uma lacuna na auto-organização e participação política destas mulheres.

Na agricultura familiar, como o próprio nome revela, o núcleo central de intervenção é a família, no entanto não se trata de uma estrutura uniforme, cada um tem seus interesses e as disputas acontecem a todo momento, ou seja, mesmo tendo claro que não há um modelo perfeito de família, o patriarcado construiu historicamente esta ideia, muito bem assentada no senso comum. Para Silva (2008, p. 125) intervir na família a partir de paradigma da agroecologia é necessário para uma metodologia que não negue os conflitos e que fortaleça os sujeitos para enfrentá-los.

As tensões se revelam na fala de uma das entrevistadas abaixo, revelando as disparidades na divisão sexual do trabalho.

O homem diz que a mulher ajuda no roçado, a gente também se acha isso, se acha que está ajudando. E na Escola eu aprendi que não é bem assim, a gente não ajuda, a gente trabalha! E trabalha muito mais que ele, porque a gente ao levantar é filho, é café da manhã, é uma galinha pra dar comer, é um bicho. Enquanto o homem é mais a tarefa fora. E aprendi que isso não é uma ajuda, isso é um trabalho, é um divisão de trabalho (E001G1)

Conceber o trabalho das mulheres como ajuda e, portanto, com menor valor, subordinado ao trabalho dos homens, forma parte da divisão sexual do trabalho, na qual as mulheres realizam tarefas invisibilizadas e desvalorizadas, também formando parte dos dualismos opressivos (Puleo, 2005) que enfrentam o público e o privado, o produtivo e o reprodutivo em relação aos dualismos masculino-feminino.

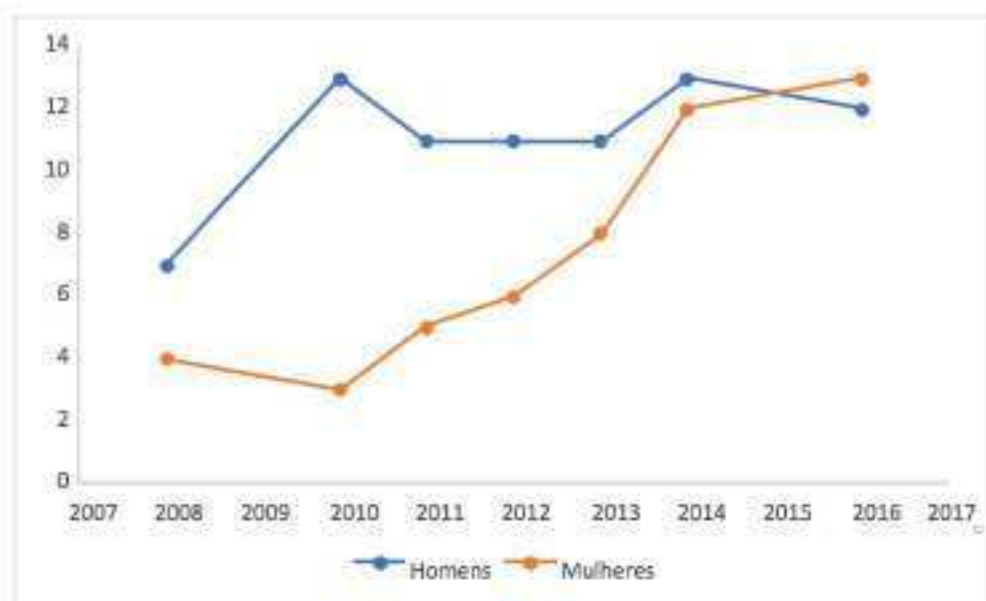
Também houve resultados no campo da produção e do consumo e geração de renda que demonstram avanços no campo dos sistemas produtivos em direção a transição agroecológica, mas muitas ainda são as barreiras no acesso às condições objetivas para que as mulheres se desenvolvam. Do ponto de vista da economia, foi destaque a importância da autonomia econômica para a vida delas, como destacado abaixo.

É tão bom a gente ser dependente do dinheiro da gente, a gente faz o que quer, a gente compra o que quer e ele não tem que dizer nada porque não é dele. Fica na tua aí caladinho...Eu digo a minha filha, seja dependente do seu dinheiro, dependente de homem não presta. (E009G3)

As agricultoras também forneceram informações importantes para orientar o Centro Sabiá na assessoria a elas, informações que se bem utilizadas podem dar um salto de qualidade no trabalho feito pelo Centro Sabiá a elas. Abaixo podemos ver um quadro da equipe de campo do Centro Sabiá entre 2008 e 2016, revelando também mudanças no perfil da equipe.



Figura 2 - Número de técnicos e técnicas de campo do Centro Sabiá entre 2008 e 2016



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostra que a Escola Feminista é uma ferramenta de grande utilidade na incorporação da dimensão de gênero e no enfoque feminista na ATER, que deve ser ampliado e desenvolvido. A Escola Feminista permite abrir uma conversa horizontalizada das mulheres, com as mulheres e para as mulheres camponesas, a partir de suas vivências concretas e necessidades gerar aprendizados também relevantes e significativos para a equipe técnica que participou da escola. A pesquisa revela que a Escola Feminista gera a reflexão e a tomada de consciência sobre a desigualdade de gênero e a necessidade de visibilizá-la e modificá-la, incluindo as situações invisibilizadas de violência. Por outro lado, a escola contribui para a valorização e visibilidade dos trabalhos das mulheres, aumentando a autoestima e empoderando dentro dos processos de transição agroecológica.

REFERÊNCIAS

- MINAYO, M. C. de S. (2002). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. <https://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- MONTEIRO, G. A., & SANTANA, M. V. (2017). **A Escola feminista: Uma experiência de pedagogia feminista rural no Nordeste do Brasil** (Vol. 3322). Retrieved from www.enlacandosexualidades.com.br
- NAVARRO YÁÑEZ, C. J., & RAMÍREZ PÉREZ, A. (2001). **Los métodos de investigación en ciencias sociales**. *Lentes sociológicas ¿Cómo ven y analizan la sociedad las sociólogas y los sociólogos?* *Introducción a Lo Social*, 43–81.



SEVILLA GUZMÁN, E. (2006). **De la sociología rural a la agroecología**. Retrieved from http://books.google.com.co/books/about/De_la_sociología_rural_a_la_agroecolog.html?id=E8fQge42ndoC&pgi=s=1

SILIPRANDI, E. (2015). **Una mirada ecofeminista sobre las luchas por la sostenibilidad en el mundo rural**. In P. Valdez (Ed.), *Ecología y género en diálogo interdisciplinar* (1st ed., p. 396).

SILVA, C. S. . (2008). **Mulheres e agroecologia: desafios políticos e pedagógicos**. In *Assessoria técnica com mulheres: Uma abordagem feminista e agroecológica* (p. 160). Recife: Cadernos Feminista de Economia e Política.

SILVA GARCIA, F. (2015). **Metodologia da pesquisa científica: organização estrutural e os desafios para redigir o trabalho de conclusão**. Retrieved from <http://www.uniesp.edu.br/fnsa/revista>

TOLEDO, V. M. (1993). **La racionalidad ecológica de la producción campesina**. In *Ecología, Campesinado e Historia* (p. 429). Madrid: La Piqueta.

VIEIRA, I. de A. (2017). **“A Estrada da Sabedoria”**: a produção de conhecimento no interior do movimento da mulher trabalhadora rural do Nordeste (MMTR/NE). Universidade Estadual de Campinas. Retrieved from http://www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/330845/1/Vieira_iasmimDeAraujo_M.pdf

SILIPRANDI, E & ZULUAGA, G. P. (2014). **Género, agroecología y soberanía alimentaria**. Perspectivas ecofeministas. Barcelona: Icaria Editorial.

ZULUAGA SÁNCHEZ, G. P, CATACORA-VARGAS, Georgina, SILIPRANDI, E. (coord.)(2018). **Agroecología em feminino**. Reflexiones a partir de nuestras experiências SOCLA y CLACSO. Retrieved from <https://www.socla.co/blog/libro-agroecologia-en-femenino-reflexiones-a-partir-de-nuestras-experiencias/>

PÉREZ NEIRA, David & SOLER MONTIEL, Marta. (2013) **Agroecología y ecofeminismo para descolonizar y despatriarcalizar la alimentación globalizada**. *Revista Internacional de Pensamiento Político*.n,8.

PULEO, Alicia. (2005) **Los dualismos opressivos y la educación ambiental**, *Isegoría Revista de Filosofía Moral y Política* no 32 p. 201-204.